

## UM SANTO CONQUISTA O BRASIL

O historiador moderno não se contenta com piedosas lendas e multisseculares tradições quando se trata de explicar a origem de santuários e devoções populares. Embora o povo simples valorize as suas devoções prediletas justamente pelo grande número ou sem-número de fatos miraculosos ligados a algum santo ou santuário, as pesquisas científicas, deixando de lado tudo quanto não conste historicamente, procuram trazer à luz do dia o verdadeiro fundo histórico, geralmente esquecido ou envolvido na penumbra do misterioso. Essas pesquisas se impõem tanto mais, porque o homem crítico da nossa era não se satisfaz com fatos inverossímeis e repetidos estereotípicamente na origem de muitas devoções e igrejas.

Quem aceita a ingênua origem lendária de capelas e igrejas atribuída ao aparecimento de alguma imagem em plena mata e que, levada à igreja mais vizinha, teria voltado ao mesmo lugar para assim dar a entender a vontade do santo de ser venerado no local indicado? Tal lenda, muito espalhada em Portugal, e em toda a Europa, proliferou no Brasil de Norte ao Sul, desde o começo da colonização. (Encontramos esta lenda aplicada a S. Antônio na Paróquia de S. Antônio do Cabo (Pernambuco), em Campo Formoso (Bahia) e em Alenquer do Pará.)

Quem visita a basílica de São Francisco das Chagas em Canindé (Ceará), pergunta espontaneamente como foi possível desenvolver-se, no adusto sertão, e conquistar tamanha popularidade uma devoção que em outras partes do Brasil é menos acentuada. O sem-número dos peregrinos se baseia geralmente nas piedosas lendas que, evadas de milagres inauditos, desde cedo substituíram entre o povo a origem histórica da devoção e do santuário canindeenses, de modo que hoje em dia pouco sabemos a respeito do Alverne cearense. Procuremos, nestas linhas, recompor tanto quanto possível, o longo passado do culto franciscano.

Na devoção franciscana, há três motivos principais para ter conquistado a simpatia do povo: 1º) o nascimento do patriarca assisiense segundo a lenda tão parecido ao de Cristo – pois teria nascido num estábulo – e as circunstâncias difíceis por que então a mãe do santo teria passado, de modo que as gestantes até o presente proclamam São Francisco seu advogado; 2º) a estigmatização, fato historicamente provado e privilégio que, antes do nosso santo, outro nenhum gozou, razão por que mereceu uma festa particular na Igreja e o carinho filial das três Ordens seráficas, que a tornaram popularíssima no orbe cristão; 3º) a morte invulgar do Poverello e a anual cerimônia comemorativa do “Trânsito” que constituíram o santo guia das almas para o outro mundo e libertador do purgatório, e tudo isto justamente pelos merecimentos das sagradas chagas.

É natural que a nossa entrada neste mundo e a saída dele representem para todo o cristão fatos importantíssimos que de bom grado se confiam à proteção de um padroeiro celeste; e como a morte feliz formasse antigamente o cuidado principal do homem sujeito a freqüentes epidemias e guerras, tornou-se o seráfico santo um dos padroeiros prediletos, cujo hábito servia de mortalha defensora (“Sempre se conhecia e praticava, entre os devotos de São Francisco, o costume de usar o hábito franciscano como mortalha” (ver Frei Odulfo van der Vat, OFM “Princípios da Igreja no Brasil”, Petrópolis 1952, p. 119). Os próprios reis como D. João V queriam ser enterrados com o hábito franciscano, segundo atesta Frei Antônio de S. Maria Jaboatão, OFM, no seu Novo Orbe Seráfico Brasílico, Rio 1858, II, p. 792) e cujos estigmas eram invocados em favor das almas, conforme esclarece a gravura da missa gregoriana em que o Serafim de Assis ergue as mãos chagadas como símbolos e mananciais de seu grande poder. (O original se acha no museu germânico de Nürnberg). Em muitos painéis semelhantes, aparece São Francisco qual guia e padroeiro das almas porque a “lenda

franciscana das almas” lhe atribui um amor especial para com os defuntos, acrescentando a tradição de ter o mesmo santo solicitado o privilégio da misericórdia divina a favor de seus filhos, devotos e amigos das três Ordens seráficas, onde transparece a adaptação do privilégio sabatino atribuído a Nossa Senhora do Carmo.

Baseia-se a citada lenda franciscana das almas sobre o precioso livro “I Fioretti” que nos transpõe ao Monte Alverne onde Cristo teria falado ao santo recém-estigmatizado, nos seguintes termos: “Sabes que te fiz? Dei-te os sinais se minha paixão a fim de que sejas o meu gonfaloneiro. E como no dia de minha morte desci ao limbo, e todas as almas que ali achei, em virtude dos meus estigmas tirei-as e levei-as ao paraíso; assim te concedo, desde já, a fim de que me sejas tão conforme na morte como o tens sido na vida, que tu, desde que passes desta vida, cada ano, no dia de tua morte, vás ao purgatório e todas as almas de tuas três Ordens, isto é, menores, irmãs e continentas, e além destas, todos os teus devotos que encontrares, dali as tires em virtude dos teus estigmas os quais te dei e as leves ao paraíso ». (« I Fioretti » : tradução por Durval de Moraes, Petrópolis 1940, pp. 187 s. São Francisco fundou três ordens religiosas hoje comumente chamadas de : Ordem Franciscana, Ordem das Clarissas e Ordem 3a. )

Não pensemos entretanto que apenas o povo tenha aceito a devoção ao santo estigmatizado. A literatura clássica aproveitou o piedoso motivo franciscano, confessando Dante na “Divina Comédia”, a respeito do cordão da penitência: Eu era militar; tomando o cordão supunha favorecer a minha alma e obter a salvação (Dante “Divina Comédia” cap. 27; (Inferno) versos 67 ss.), enquanto Lope de Vega em sua poesia “Os estigmas” exalta o hábito e o cordão:

“É por isso, tantos reis  
Sobre seus brocados ricos  
Puseram vosso hábito  
Por mais precioso vestido.

Vosso cordão é a escada  
De Jacob; pois vimos muitos  
Pelos nós de seus degraus,  
Subirem ao céu empírico.

(Apud P. Paschalis Neyer, OFM, *Der Hl. Franziskus und die Armen Seelen seiner 3 Orden in Kirchengeschichtliche Studien*, Kolmar 1941, pp. 29ss)

O próprio, Faust de Goethe menciona o alto poder de São Francisco, representado este por “Pater Seraphicus” cuja intercessão é interpretada à maneira da lenda de “I Fioretti”. (Frei Mansueto Kohnen, OFM, “Goethe e Francisco de Assis” in *Vozes de Petrópolis*, julho-agosto de 1949, p. 457) Na literatura portuguesa sobressai o tratado que Frei Marcos de Lisboa OFM, em 1562 publicou sobre a estigmatização, na sua “Crônica das Ordens fundadas pelo Pai S. Francisco”.

As belas artes talvez superem a literatura em obras-primas a enaltecer a impressão das chagas, orçando em centenas os painéis e gravuras. Em abono da devoção espalhada em Portugal, sirva o baixo-relevo, gravado na arca tumular de el Rei D. Fernando I, representando a cena do Monte Alverne a modo de Giotto e remontando ao século XIV. (Diogo de Machado, “Algumas obras de arte portuguesa – Album nº 1 », Lisboa 1940. O autor do baixo-relevo é desconhecido.)

A popularidade da “lenda franciscana das almas” e da devoção franciscana em terras de S. Cruz é comprovada, entre outros, por dois antigos quadros existentes na sacristia e na portaria do convento de São Francisco da Bahia (Frei Pedro Sinzig OFM, “São Francisco e seu culto no Brasil, M. Gladbach 1926, p.149. O motivo da estigmatização aparece em muitíssimos quadros, azulejos e grupos plásticos do Brasil, e não apenas em institutos franciscanos, mas também nas igrejas confiadas ao clero secular, p.ex. na matriz de Cachoeira

(Bahia) e nos azulejos do claustro franciscano olindense (Frei Pedro Sinzig OFM, o.cit., p.70) onde o santo desce ao purgatório para livrar as almas padecentes. Também as antigas crônicas do Brasil-colônia referem a carinhosa difusão do culto franciscano, sob o mesmo ponto de vista, contando Frei Manuel da Ilha, OFM, (Frei Manuel da Ilha OFM, “*Diivi Antonii Brasiliae Custodiae enarratio seu relatio, 1621*” (manuscrito, folha 294) e Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, OFM (Frei Antônio de S. Maria Jaboatão OFM, o.cit. I, 2, p. 367) um mesmo caso da missão franciscana de São Miguel, em que, por volta de 1600, São Francisco das Chagas aparece a um índio cristão recém-falecido, livrando-o das garras do demônio e restituindo-o à vida para o próprio agraciado contar o miraculoso fato, e comparar a aparição com o santo estigmatizado do painel que se venerava na capela da missão. Levando-se em conta o culto que os nossos silvícolas prestavam aos seus defuntos, não admira a sua simpatia para com o Libertador das almas.

Não há dúvida que os colonos portugueses tenham trazido para o Brasil a devoção franciscana tão florescente na Europa ao tempo dos descobrimentos. Mas o quinhão principal na difusão do culto franciscano cabe de certo aos missionários seráficos, segundo podemos deduzir da primeira igreja do Brasil levantada ao nosso santo entre os índios Tupiniquins do Porto Seguro, como também do painel da estigmatização venerado pelos Caetés da missão de São Miguel, para lembrar apenas estes dois exemplos do século XVI. Isto não quer dizer que a devoção para com o santo estigmatizado tenha tomado entre os franciscanos do Brasil o primeiro lugar; pois este cabia ao taumaturgo português por motivos óbvios, máxime depois da fundação da custódia de S. Antônio, em 1585, e com sede em Olinda. (Gilberto Freyre e outros autores “*Província Franciscana de S. Antônio do Brasil, 1657-1957*” Recife 1957).

Se no Ceará predomina o culto de São Francisco sobre o antoniano, explica-se em parte pela falta de conventos franciscanos em toda aquela região, durante os quatro primeiros séculos, afora duas residências da Ordem que temporariamente havia em Fortaleza, desde a fundação realizada em 1624 por Frei Cristóvão Severim de Lisboa, e em Quixeramobim, durante a segunda metade do século XVIII, (Ismael Pordeus, “*Antônio Dias Ferreira e a Matriz de Quixeramobim*”, série de artigos in “*O Nordeste*” Fortaleza 1955, n° XXIII.) como também pela atividade conjunta de várias entidades seráficas. É que na primeira metade do século XVIII, já havia terciários seculares de S. Francisco residentes no Ceará a afiliados à fraternidade do Recife, cujo padroeiro, desde a fundação, vem a ser o santo estigmatizado. Destacava-se entre os terceiros franciscanos cearenses o fundador de Quixeramobim, Antônio Dias Ferreira, ao qual o Sr. Ismael Pordeus dedicou interessantíssimo estudo ao ensejo do bicentenário de Quixeramobim em 1955. (Ibidem, n° II e “*Livro de entradas n° 2 de 1712 a 1772*”, fls 72r., com a data de 14-12-1734 e « *Livro de profissões n° 2 de 1772 a 1778* », fls 64v com a data de 24-02-1738; Jaboatão, II, 475)

Outrossim estão aí como autores do culto seráfico os esmoleres franciscanos do Recife, máxime Frei Manuel de Santa Maria e São Paulo (desde 1758), e como sucessores Frei Bartolomeu dos Remédios, Frei José de Santa Clara Monte Falco e Frei José de Santana Firmo, os quais nas suas viagens desobrigavam o povo cearense e em particular os moradores da zona canindeense, constando os seus atos dos livros paroquiais de São José de Ribamar-Fortaleza, desde 1758 até o incipiente século XIX, enquanto da mesma época consta pela tradição oral a passagem de Frei Vital de Frascarolo, como único missionário capuchinho, pela região de Canindé, mais ou menos em 1797, e tanto mais a atividade dos seus confrades por toda a então capitania cearense, onde pregavam missões populares e catequizavam os índios de Miranda, atual Crato, admitindo também irmão terciários avulsos para a fraternidade recifense, segundo esclarecem os livros de entradas e profissões ainda existentes.

Um documento daquela época vem muito a propósito. Pois, quando os canindeenses em 1801 pleiteavam foros da paróquia, após ter fracassado o plano de fundarem um convento franciscano, junto ao santuário (O requerimento de 1796 deixou de ser atendido porque, desde começos do século XVIII, o governo colonial proibia a fundação de novos conventos no

Brasil.), o então vigário de São José de Ribamar, Pe. Cláudio Álvares da Costa, salienta os merecimentos de um religioso, sem lhe dar o nome: “sei na verdade que os povos daqueles distritos (de Canindé) deveriam ser gratos aos grandes benefícios que receberam do religioso... pois a ele devem e ao falecido Francisco Xavier de Medeiros ter a igreja de São Francisco do Canindé” (Livro de registro de ofícios do Tribunal do Desembargo do Paço, Mesa da consciência e ordens, 1814-1819 (manuscrito), no Arquivo Público do Ceará.). Trata-se aqui provavelmente do franciscano Frei José de Santa Clara Monte Falco o qual de 1781 até 1800 por muitas vezes prestou assistência religiosa ao povo do interior e em particular ao de Canindé.

Afirmamos, pois, sem receio de errar, que franciscanos, capuchinhos e terciários seculares contribuíram para a propaganda do culto de São Francisco no Ceará e de modo especial em Canindé, surtindo tanto mais resultado porque, interrompida a catequese jesuítica com a expulsão da Companhia em 1758, prosseguiu e intensificou-se a atividade franciscana conjunta, prevalecendo também entre as devoções aos vários santos, chamados Francisco, o culto ao estigmatizado.

Segundo o Senador Pompeu (Tomás Pompeu de Sousa Brasil “Ensaio Estatístico da Província do Ceará”, Fortaleza, vol 2º, 1864, p.168), foi em 1775 que se construiu, na ribeira do Canindé ou na então fazenda Renguengue, a primeira capela a São Francisco das Chagas. Não há outra fonte a confirmar esta notícia. Mas, dadas as repetidas reclamações dos visitantes eclesiásticos que reprovavam a celebração da S. Missa em casas particulares e ao ar livre, não estranha o ano nem o local quase desabitado. (Livro de Tombo da Paróquia de N. Senhora do Rosário de Russas-Ceará, fls. 22 referente ao ano de 1735 (MS).

Há porém várias razões que fazem supor uma interrupção das obras de construção ou ao menos uma capela muito acanhada. Pois os livros paroquiais deixam de mencionar qualquer ato litúrgico nela celebrado e uma escritura datada de 1787 (Arquivo do Patrimônio de S. Francisco das Chagas de Canindé, coleção: Testamentos, doc I) oferece a fazenda S. Rosa a “São Francisco das Chagas ao qual os moradores da ribeira do rio Canindé pretendem erguer uma igreja”. Seja como for, tanto a primitiva capela, como a igreja projetada em 1787 e terminada dez anos depois, demonstram que o santo das Chagas gozava da devoção geral.

O que aqui provamos è 1º) a origem europeia da devoção franciscana, baseada que foi tanto nas lendas como em motivos historicamente certos, pertencendo a estes a estigmatização de S. Francisco; 2º) a difusão desta devoção tanto no Brasil inteiro, como em particular no Ceará e na zona de Canindé. Não se atribui o culto franciscano em Canindé a uma origem repentina e milagrosa, mas sim paulatina e natural, nem a fatores lendários e sim históricos segundo acabamos de verificar.

Enquanto a verdadeira história da devoção canindeense é geralmente ignorada, a massa dos devotos de S. Francisco sabe e aprecia apenas as lendas miraculosas ligadas à construção do santuário e ao benemérito mestre das obras Francisco Xavier de Medeiros, lendas estas tanto do gosto setecentista como ainda do nosso povo simples, mas desde há muito abandonadas pelo homem letrado que prefere dados críticos. Eis o motivo por que se tornam imprescindíveis as pesquisas históricas acerca da genuína origem de um culto que se acha espalhado em todo o Norte do País.

Assim como a própria devoção franciscana constitui uma preciosa herança, vinda da Europa, também os costumes à mesma vinculados encontraram fértil terreno, desde os primórdios da colonização brasileira. Os testamentos dos nosso avoengos pregam alto e bom som a aplicação do hábito-mortalha de São Francisco a moribundos e defuntos, embora nunca tenham faltado adversários que com razões convincentes pretendessem ridicularizar a quem na hora da morte se amortilhasse no burel franciscano como quereno enganar o Juiz eterno mediante o hábito religioso. Mas, em 1º lugar não se concedia hábito senão aos verdadeiramente contritos, e caso o enfermo assim amortalhado escapasse, continuava ele de hábito no convento para o resto de sua vida, como p.ex. Wambra, rei dos Visigodos,

observando a regra da Ordem (A Kobler, SJ: “Katholisches Leben im Mittelalter”, Innsbruck 1887, I, pp.711 s.). Em 2º lugar, este costume esclarece maravilhosamente o alto conceito de virtude e merecimento em que os fiéis tem a Ordem religiosa. (A Província Franciscana de S. Antônio do Brasil obteve em 16-2-1746 um Breve do Nuncio Apostólico em favor e defesa deste costume contra aqueles que difamam o hábito franciscano, alegando os franciscanos as bulas de Xisto IV e as indulgências concedidas a quem for enterrado de hábito-mortalha (Torre do Tombo, Lisboa, S. Antônio dos Capuchos, maço 4)).

Os romeiros canindeenses transformaram o hábito-mortalha em troféu sobre doenças e morte, vestindo o burel franciscano, desde o começo da romaria até a última obrigação cumprida em Canindé, para depô-lo entre os ex-votos da chamada “Casa dos Milagres” frente a basílica de São Francisco das Chagas. Papel importante exerce também o simples cordão franciscano, obrigatório para todos os irmãos da Ordem Terceira de S. Francisco e os da Confraria dos Cordígeros, à qual antigamente pertenciam também todas as irmandades de São Benedito o Preto. (Frei Venâncio Willeke OFM, “Convento de S. Antônio de Ipojuca”, separata da revista PHAN, vol. 13, 1956, Rio de Janeiro 1956, p.46) A predileção pelo cordão não admira, à vista das citações supra de Dante e Lope da Vega.

Um costume genuinamente brasileiro e proveniente do paganismo dos nossos silvícolas, embora aos poucos cristianizados, representa o frequente sacrifício das tranças de cabelo a São Francisco. Ainda que apareça também noutros santuários, de modo especial se aplica ao padroeiro das gestantes ; pois o cabelo simboliza, entre os povos primitivos, a fecundidade, dado o seu rápido crescimento. (Frei Venâncio Willeke OFM, “Altherkömmliche Brasilianische Pilgerbräuche“ in Staden-Jahrbuch, vol IV, São Paulo 1958, 0.107)

Finalizando este modesto trabalho deixamos aqui consignada a intenção que nos guiou de ver o culto de São Francisco isento de toda interpretação falsa, salientando a um tempo o milagre da estigmatização como lição para a vida cristã: “Sede meus imitadores como eu o fui de Cristo”. A finalidade do culto franciscano se reduz a estas palavras: Por Francisco a Cristo.

## **FONTES HISTÓRICAS DE CANINDÉ**

Canindé é uma terra mística que encanta as pessoas de fé, porque existe nesta terra um grande mistério do amor e da misericórdia de Deus, que se manifesta através dos milagres e das curas, das bênçãos e das graças operados por São Francisco das Chagas. Na intimidade vivida diariamente com este mistério cresce a cidade que acolhe doentes e sofredores, devotos e romeiros do Brasil inteiro, mas sobretudo do Nordeste sofrido e chagado, mas também teimoso na esperança e solidário na fé.

As crianças e os jovens de Canindé somente vão amar sua terra natal em profundidade, quando conhecerem bem suas raízes de fé e de devoção, a história do Santuário de São Francisco das Chagas pesquisada e contada pelos mais velhos.

Escolhi umas fontes históricas e pedi ao professor de português do Colégio Menino Jesus e da Escola Profissional Capelão Frei Orlando, José Narcélio Agostinho Bastos, que elaborasse uma versão escolar destas fontes, para que os alunos pudessem estudar num português atual estes escritos antigos e pudessem se identificar com o destino desta terra maravilhosa seguindo a Jesus no jeito de São Francisco.

Frei João Sannig – OFM  
Santuário-Paróquia de São Francisco das Chagas  
Arquivo Paroquial - Praça da Basílica, s/n, Centro - Canindé-Ceará  
CEP: 62.700-000 – Site: [www.santuariodecaninde.com](http://www.santuariodecaninde.com)